

ARTIGO

ANÁLISE DO PRECONCEITO LINGÜÍSTICO NO FILME “QUE HORAS ELA VOLTA”

ANÁLISIS DEL PREJUICIO LINGÜÍSTICO EN LA PELÍCULA “QUE HORAS ELA VOLTA”

ANALYSIS OF THE LINGUISTIC PREJUDICE IN THE FILM “QUE HORAS ELA VOLTA”

José Faquer Neto¹

RESUMO: O presente trabalho visa discutir o preconceito linguístico que ainda vitima as empregadas domésticas do Brasil e questiona o quanto tal prática pode ser perniciosa, uma vez instaurada como atitude comum e banalizada como um padrão. Para atingir este objetivo, a pesquisa utiliza-se da Sociolinguística para elucidar e trazer reflexões por meio de fontes bibliográficas e periódicas e realiza uma análise de uma obra cinematográfica de produção brasileira de ampla veiculação.

PALAVRAS-CHAVE: Preconceito Linguístico. Empregadas domésticas. Sociolinguística.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo discutir el prejuicio lingüístico que victimiza a las empleadas domésticas en Brasil y cuestiona cuán peligrosa puede ser esta práctica, una vez que se establece como una actitud común y se trivializa como estándar. Para lograr este objetivo, la investigación utiliza la Sociolingüística para

¹ Pelo Centro Universitário Fluminense (UNIFLU), possui graduação em Letras (2017) e pós-graduação *lato sensu* em Mídias e Novas Tecnologias no Ambiente Escolar (2020). Pela Universidade Cândido Mendes, possui pós-graduação *lato sensu* em Língua Portuguesa (2020). Professor de língua inglesa e coordenador pedagógico em instituto de línguas. E-mail: fakhrneto@yahoo.com

dilucidar y traer reflexiones a través de fuentes bibliográficas y periódicas y un trabajo cinematográfico de producción brasileña de amplia circulación.

PALABRAS CLAVE: Prejuicio lingüístico. Sirvientes domésticos. Sociolingüística.

ABSTRACT: This paper aims to discuss the linguistic prejudice that victimizes domestic servants in Brazil and questions how dangerous this practice can be, once it is established as a common attitude and trivialized as a standard. To achieve this goal, the research uses Sociolinguistics to elucidate and bring reflections through bibliographic and periodic sources and a cinematographic work of Brazilian production with wide circulation.

KEYWORDS: Linguistic prejudice. Domestic servants. Sociolinguistics.

1 - INTRODUÇÃO

A vida está norteadada pela presença de uma figura feminina que, com sua sempiterna contribuição, torna a vida das famílias mais simples e transborda cuidados e preocupação com todos os seus integrantes. Contrariando a lógica de se falar daquelas mulheres sobre quem já se pode de certo pensar no primeiro momento desta fala, a mulher em questão não tem relações sanguíneas com esses de quem cuida e a quem dedica os melhores anos produtivos de suas vidas. Aqui, a fala é sobre as empregadas domésticas, essa figura que, embora seja de importância na operação diária de muitas famílias, é e sempre será alguém que chega de outro contexto agregador de diferença e alteridade, seja essa diferença cultural, geográfica ou social. Por razão dessa diferença, já se espera que algum tipo de estranhamento aconteça, especialmente porque ela estará diretamente ligada às crianças da casa, seus saberes, influência na educação e na aquisição linguística. Em muitos momentos esta interação, mais preocupa aos patrões do que conforta, devido ao preconceito linguístico e medo da linguagem fora dos padrões.

Pensando nisso, esta pesquisa se propõe a estudar o preconceito linguístico vivido por algumas empregadas domésticas no Brasil em seus aspectos linguísticos. Para tanto, uma produção cinematográfica será usada: o filme “Que horas ela volta?”, de 2015, dirigido por Anna Muylaert. A escolha por essa obra se deu por ser o filme uma representação da vida de uma empregada doméstica nordestina que chega a São Paulo para trabalhar e morar na casa de seus patrões, resultando em

uma escolha na qual a interação humana é percebida em diferentes espectros e maneiras.

No Brasil, as empregadas domésticas são aquelas a quem as crianças são entregues para suas necessidades em tudo que a palavra “cuidado” encerra. São horas diárias de contato físico intenso. Não é difícil imaginar que durante operações como higiene pessoal, alimentação, organização de horários e até mesmo execução de deveres escolares, o código utilizado será o idioma padrão daquele país que, nesse caso, devido à interação, recebe nuances ou choques de variação linguística, seja ela discreta ou agressiva.

No tocante à variação linguística, que agrega matizes à fala de grupos sociais específicos, o canal de pesquisa será a Sociolinguística, que cumprirá a sua função de explicar de maneira mais holística os porquês do preconceito e, em contrapartida, a aceitação linguística das crianças em relação às práticas de discurso das empregadas domésticas.

O presente trabalho visa a discutir os seguintes questionamentos: a) o que se denomina “preconceito linguístico” e como ele se articula cotidianamente?; b) que leitura se pode fazer do filme “Que horas ela volta?” a partir da relação ficção x realidade?; c) pode-se dizer que o falar das empregadas domésticas influencia a fala das crianças e como se pode interpretar tal fenômeno a partir do preconceito linguístico?

Esta pesquisa tem relevância no âmbito social, especialmente no Brasil do século XXI, com todas as mudanças políticas que se deram e também por ser um país que notadamente tem ligação com as empregadas domésticas por uma questão cultural. É necessário discutir o quanto essa relação impacta as crianças no que diz respeito à fala, e o quanto de tolerância os adultos deveriam ter com essa interação.

Quanto à relevância acadêmica desta pesquisa, é interessante notar que o tema é de interesse para uma sociedade tão multifacetada e plural quanto a brasileira e tal tema, por sua vez, está longe de ser esgotado com tudo que já está publicado até o momento da presente execução deste trabalho. Este tema tem grande contribuição para a melhor compreensão do lugar de fala do outro (empregada doméstica) e põe em prática conceitos de tolerância dando visibilidade aos invisíveis da sociedade.

É de interesse deste pesquisador analisar o fenômeno em pauta por ter ele uma profunda empatia com a função das trabalhadoras do lar e por sentir sempre interesse em interagir, aprender e trocar com elas. Este pesquisador tem memórias da mais tenra infância acerca de tais pessoas e muito a agradecer a várias delas por sua disposição, doação e carinho dispensado àqueles que, embora não sejam seus filhos, são tratados como se fossem.

Na verdade, a primeira motivação deste pesquisador para a escrita da presente pesquisa veio em 2015, quando assistia no cinema ao filme² analisado neste estudo. Questionamentos surgiram sobre como a interação se dá linguisticamente até mesmo em cenários improváveis, onde pessoas muito diferentes em vários aspectos se unem por meio da fala ou pela falta de comunicação que acontece por conta dos ruídos na compreensão.

Quanto aos objetivos, o presente trabalho de pesquisa busca analisar o impacto linguístico da interação da empregada doméstica na obra cinematográfica “Que horas ela volta?” e até que ponto esse documento audiovisual pode ser usado como parâmetro para refletir sobre a situação da classe operária do lar na perspectiva geral de um país quase continental como o Brasil. Com um olhar mais acurado e específico, esta pesquisa se propõe a: a) analisar o impacto linguístico da interação entre a empregada doméstica e a criança de classe média e alta e o quanto esse resultado pode gerar de preconceito linguístico futuro na vida dessa criança; b) estudar como essa interação afeta o discurso das crianças e como esse efeito posteriormente pode se tornar menos alvo de preconceito linguístico, uma vez que o discurso terá trocado de classe social, da classe mais baixa (empregada) para as classes média e alta (filhos dos patrão); c) e aplicar a Sociolinguística para entender o cenário linguístico no filme em comento.

2 - A EMPREGADA DOMÉSTICA BRASILEIRA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Para uma melhor compreensão do tema a ser tratado por esta pesquisa, foi necessária a investigação das ideias centrais que permeiam o tema. É importante

² Vale ressaltar que a obra teve seu título traduzido livremente para o inglês como “*The Second Mother*”, mostrando que a relação beira ao cuidado materno.

ressaltar as premissas da teoria do Preconceito Linguístico, elaborada por Marcos Bagno, que serviram de sustentação para este estudo.

À luz de Marcos Bagno (2015), pode-se perceber que o preconceito linguístico vai assumindo proporções peculiares e vitimando diferentes pessoas ao longo da história, com espectros cada vez mais complexos e sofisticados em relação ao que deve ser considerado padrão e não padrão.

Fala-se acerca dos círculos viciosos do preconceito linguístico, suas razões de ser e sobre os mitos nos quais se acredita sobre uma perfeição linguística que não existe de fato e de como julgar a fala do outro é na verdade atribuir-lhe um lugar de inferioridade por conta de uma convenção. Dessa forma, é possível imaginar que “todo país que se pretenda genuinamente democrático tem que estabelecer uma política linguística racional e transparente, voltada para o bem de todos os cidadãos” (BAGNO, 2015, p. 23).

O autor ainda comenta de forma bem direta sobre como é necessário ressignificar a ideia de que a língua portuguesa é falada da maneira como é escrita. Se esse conceito fosse fato, todas as variações diatópicas seriam infundadas e a língua portuguesa não seria mais o que é. É interessante lembrar que a língua é de seu falante e sua eficácia está na medida exata de seu uso comunicativamente bem sucedido.

Para entender o conceito de variação linguística, deve-se pensar que a língua precisa ter elasticidade e adaptar-se a diferentes momentos da vida, ocasiões especiais e reconhecimento de onde se fala e para quem se fala. Sabendo isso, é preciso ressaltar que ela está basicamente dividida em quatro esferas, sendo elas: variação diatópica, variação diafásica, variação diastrática e variação diacrônica. Essa última não será descrita ou utilizada por hora já que não contribui significativamente com este trabalho.

A variação diatópica guarda relação com aspectos geográficos. Acontece quando é necessário flexibilizar o vocabulário com uma escolha diferente de palavras, uso de entonação diferenciada e até mesmo uma pronúncia peculiar para uma região que não será compreendida se o enunciador não se dispuser a fazê-lo de forma a possibilitar seu interlocutor à compreensão total do tópico discutido. “Todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber essa língua, na concepção científica da linguística moderna, significa conhecer intuitivamente e

empregar com facilidade e naturalidade as regras de funcionamento dela” (BAGNO, 2015, p. 58).

Por sua vez, a variação diafásica é aquela que ocorre em decorrência do contexto comunicativo, dando conta, por exemplo, do nível educacional e registro de alguma necessidade especial de compreensão do interlocutor. Essa variação acontece para que o interlocutor seja incluído no colóquio sem se sentir desprezado, diminuído ou ignorado. Para essa variação, cabe a ambientação propiciada pelas gírias, vocabulário de domínio de um certo grupo específico e afins. Sobre o exposto, Bagno comenta que:

Ainda que se considere necessário conhecer e divulgar as formas linguísticas de prestígio, mais frequentes na fala dos cidadãos mais letrados, não se pode fazer isso de modo absoluto, fonte de preconceito. Temos de levar em consideração a presença de regras variáveis em todas as variedades, inclusive as urbanas prestigiadas (BAGNO, 2015, p. 78).

Já a variação diastrática se dá quando o enunciador altera seu discurso em função de grupos sociais, acomodando a linguagem ao momento quando a fala acontece. Nesse caso, não é o espaço geográfico que está em questão, mas sim o que o enunciador representa para seu interlocutor naquele momento específico. Se o enunciador é em seu lugar de fala um professor, um policial, um juiz, um médico ou um estudante, isso dará o tom dessa fala, pois cada profissional com seu status específico deve se comportar de uma determinada forma. Aprende-se com essa variação que não se pode falar com um juiz ou um oficial da polícia como se fala com o caixa do supermercado no ato de uma compra “porque o que está em jogo aqui não é a língua, mas a pessoa que fala essa língua e a região geográfica onde essa pessoa vive” (BAGNO, 2015, p. 69).

Mainqueneau (2015) aponta a necessidade do “outro” para que o discurso exista. Sem essa premissa é impossível dizer que houve comunicação, pois ela depende da interação humana. Assim sendo, pode-se afirmar que:

A atividade verbal é, na realidade, uma *interatividade* que envolve dois ou mais parceiros. A manifestação mais evidente dessa interatividade é a troca oral, onde os interlocutores coordenam suas enunciações, enunciam em função da atitude do outro e percebem imediatamente o efeito que suas palavras têm sobre ele (MAINGUENEAU, 2015, p. 26, grifo do autor).

Seguindo essa linha de pensamento, pode-se presumir que o fenômeno comunicativo está para além da prerrogativa mordaz do certo ou do errado, padrão ou não padrão; o que importa nesta troca enunciador x interlocutor é o teor da comunicação que fica estabelecida entre ambos.

As variações linguísticas ou de registro são as relacionadas ao contexto. Cada comunidade possui uma variante “superior” e outra “inferior”, usadas como critério de distinção social e autoridade nas relações sociais.

É importante questionar a variedade padrão e até que ponto deve-se demonizar as variações linguísticas sociais e o que elas encerram. Seria a variedade padrão a língua por excelência? A original e superior e, portanto, a única merecedora de respeito? A resposta para as perguntas anteriores é não, porque, via de regra, o que está sempre no foco desse julgamento nunca é a fala, e sim o falante.

A partir da análise do trabalho de Santos (2015), pode-se perceber que o fato de julgar, excluir e menosprezar o outro por sua fala é mais antigo e abrangente do que se pode supor. Nesse sentido, o autor explica que:

O preconceito linguístico está presente em nossa sociedade há muitos séculos, mas somente entre os séculos XX e XXI apareceram os primeiros estudos sobre esta área, os quais foram impulsionados fundamentalmente com o surgimento da Sociolinguística (SANTOS, 2015, p. 28).

Ainda sobre o tema “variação linguística” e seus efeitos no preconceito linguístico, segundo Silva (2010), cuja pesquisa dá conta de uma análise sobre o rotacismo, suas raízes e lógica, é ressaltada a necessidade de que a sociedade esteja alerta para o risco que o preconceito linguístico apresenta para uma sociedade tão miscigenada, e esteja preparada para a aceitação de saberes diversos e suas peculiaridades. Logo, pode-se entender que “dentro desse contexto, cabe a Sociolinguística observar e analisar a língua sob uma perspectiva social, buscando minimizar o preconceito linguístico gerado pelos estigmas sociais” (SILVA, 2010, p. 6).

Sabendo-se de toda a problemática gerada pelo preconceito linguístico e como ele pode ser nocivo numa sociedade tão plural como é o caso do Brasil, não é difícil pensar que trabalhadores com funções mais simples e lugar social mais

vulnerável sejam aqueles a quem o preconceito linguístico afetará mais facilmente e com mais “razão de ser”.

De maneira específica, este trabalho pretende estudar o porquê das empregadas domésticas sofrerem um preconceito linguístico velado enquanto estão na execução de suas funções nas casas de seus patrões, enquanto na televisão (novelas, programas humorísticos), no cinema, nas mídias como Instagram ou Facebook, o preconceito é escancarado. Sim, pode-se dizer que ele é de fato latente a partir da simples escolha que é feita, por exemplo ao se usar sempre a mesma cansada e repetida figura de mulheres nordestinas, pobres, cheias de sotaque forçado e representadas como mulheres feias e invisíveis em momentos importantes das tramas.

É possível prever os motivos pelos quais essa escolha é feita. A vida cotidiana, especialmente nas grandes cidades, revela que uma parte considerável dos trabalhadores domésticos, seja em residências, portarias de prédios ou afins, é composta de nordestinos em sua diáspora para as cidades grandes da região Sudeste em uma tentativa de ascensão, de sucesso. Sem condições de estudo, muitos chegam para engrossar as fileiras do subemprego e, em sua interação com os seus patrões e demais, são vitimados pelo preconceito linguístico, o que toca fundo nessas pessoas, porque para elas o ato da fala vem sempre carregado do medo de ser ridicularizado, ofendido, vítima de piadas de mau gosto e, em última instância, prejudicado no desempenho de suas funções por ser a sua fala menos privilegiada que a das pessoas sem aquela marca linguística nordestina.

É bem verdade que, na maioria das vezes, esse preconceito é quase que instintivo e parece muito natural para quem é portador dele, porque em algum momento tal prática lhe serviu de várias maneiras e em múltiplos episódios.

As telenovelas brasileiras dão conta disso, programas humorísticos da mesma forma e em uma representação mais cult e de acesso um pouco mais restrito, o cinema também o fez e o faz em momentos diversos.

O fato de o preconceito existir no dia a dia tão arraigadamente não o diminui, tampouco sua reiterada prática. Por esse motivo, este trabalho tem o interesse de mostrar um tema tão atual no início do presente século e tentar com esta reflexão fazer com que a discussão possa ser retomada e, em dado momento, ações de reparação ou coibição desse preconceito possam se tornar reais.

É interessante observar que, apesar desse preconceito ser tão antigo em terras nacionais, estudos sobre variações linguísticas e inevitavelmente preconceito linguístico sejam muito recentes. Pode-se entender que:

Embora as pesquisas acerca da variação linguística tenham tomado fôlego apenas a partir da década de sessenta do século passado, especialmente com os estudos de Labov (2008), o caráter social da língua já vinha há muito tempo sendo discutido, o linguista francês Antoine Meillet, apesar de ter sido considerado discípulo de Saussure, distancia-se deste, quando afirma que “[...] ao separar variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand Saussure *a priva da realidade*: ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável” (CAXÊTA, 2015, p. 41, grifo do autor)

É possível imaginar que para a geração da segunda década de 2000, quando mudanças sociais diversas se avolumam, a apresentação de uma obra cinematográfica que lida com questões tão sutis, mas ao mesmo tempo tão sérias, seja recebida com tanto prestígio e tanta curiosidade. O fato de ver o preconceito acontecer na tela do cinema, traz (ou deveria trazer) indignação e a intenção é que a lição seja aprendida e se estenda para a vida.

3 - “QUE HORAS ELA VOLTA?”: A ARTE IMITA A VIDA?

O filme “Que horas ela volta?” em si é um ato de coragem. Em exibição nos cinemas por algumas semanas no ano de 2015, conseguiu reunir um público diverso (crianças, adolescentes, adultos e idosos de todos os níveis sociais) disposto a obter ou a expressar representatividade, empatia ou simples curiosidade. É notado que a audiência sai do cinema com um misto de emoções, mas com um sentimento de resignação frente a uma realidade trabalhista corrente na época do filme no Brasil, contra a qual pouco se pode fazer. A história de Val, personagem principal do filme, é a de uma empregada doméstica que dorme no emprego, e sua história se assemelha a de tantas outras trabalhadoras domésticas brasileiras e, por sua singeleza, a representatividade é ainda mais reforçada.

O documento audiovisual dá conta de uma história intrínseca à sociedade brasileira com suas algemas escravocratas, mas com escravos diferentes que vão mudando de etnia de tempos em tempos, de uma forma quase que cíclica. No que

tange ao contexto da obra, trabalhadores nordestinos se amontoam nas grandes cidades do Sudeste brasileiro, especialmente em São Paulo (capital onde a história se passa), em busca de uma perspectiva de vida melhor, escapando da fome e da falta de oportunidades em sua migração de incertezas.

No filme, Val, representada por Regina Casé, recebe sua filha vinda de Pernambuco, na casa de seus patrões. É possível perceber que o momento de ruptura de paradigmas só acontece após a chegada da filha da protagonista, Jéssica, que vem com seu sotaque nordestino indiscutível e dominante, em consonância com o de sua mãe que já mora em São Paulo há bastante tempo. Ressalte-se que, desconsiderando o sotaque nordestino, não haveria nenhuma outra similaridade entre ambas. Jéssica tem o sonho e o idealismo da juventude que, com outro padrão mental, não consegue conceber a subserviência da mãe.

É interessante perceber que, a partir de então, Val consegue resgatar algumas coisas durante a trama, a começar por sua própria dignidade. Com a ajuda não desejada de Jéssica e a revolução que ela traz consigo, a doméstica começa a materializar várias questões que estavam em nível de abstração para que ela conseguisse sobreviver a elas. Essas questões são: a falta de sua própria identidade, a diferença de tratamento que recebe proveniente de seus patrões e a privação do contato com os seus, a quem ela renuncia em prol do bem maior de poder ajudá-los financeiramente.

A partir da vinda de Jéssica, Val toma decisões importantes em sua vida, sendo uma delas o abandono desse trabalho que, apesar de ser abusivo, lhe presenteara com algo importante para ela, o filho dos seus patrões, Fabinho, de quem cuidara desde muito pequeno. Reitera-se aqui que o título do filme, quando traduzido para o inglês, se torna "*The Second Mother*" (A Segunda Mãe). Fabinho funciona para ela como uma sublimação para suportar a ausência de Jéssica, deixada no Nordeste. Agora Val precisa, ela mesma, ajudá-lo a superar a decepção de não passar para a mesma universidade pública de grande prestígio para a qual sua filha Jéssica, pobre, nordestina e inconveniente, fora aprovada.

No final do enredo, Fabinho sobrevive à decepção e ganha de presente um intercâmbio para a Austrália, numa clara demonstração de que, no mundo dos ricos, sempre há uma alternativa para ficar tudo bem.

Atualização feita sobre o enredo do documento audiovisual, seguem questões nodais desta pesquisa: a) pode-se identificar preconceito linguístico na obra?; b) algum personagem no filme é discriminado?; c) o filho dos patrões absorve a fala da empregada doméstica e a reproduz?

Com efeito, pode-se perceber que o preconceito linguístico existe nesse caso na fonte da questão. O próprio fato da escolha por uma mulher nordestina para ser a empregada doméstica Val no filme já diz muito sobre a visão estereotipada e estereotipante em relação a essas trabalhadoras, reconhecendo nela uma pessoa perfeita em padrão para ocupar tal posição no filme. Nota-se também que a empregada doméstica representada é totalmente destituída de vaidade e beleza no padrão brasileiro (mulheres altas, com músculos moderados e sensualidade), o que diz muito sobre o que se espera ver nessas trabalhadoras.

Sobre discriminação, essa é a parte mais aviltantemente sutil do documento. A respeito da empregada Val, só existe um único momento em que se pode perceber o preconceito linguístico em todo o filme. Quando Jéssica chega e é apresentada à família dos patrões, Fabinho (filho da patroa), faz o comentário que Jéssica fala “engraçado” igual à mãe. Esse comentário é feito com muita sutileza, mas a mensagem é muito clara. Ele não se dá conta de que a marca linguística não é engraçada e digna de comentário de gosto duvidoso. A marca linguística é a de milhões de pessoas da região nordeste, e a empregada Val, com quem o rapaz, a esta altura já tem tanta intimidade, esteve sempre ali e esta característica é tão dela quanto de qualquer outro nordestino, o que não deveria mais ser motivo de gracejo ou estranhamento.

Ela não é insultada ou registradamente vítima de preconceito linguístico, muito embora sendo feita uma análise de discurso mais apurada, perceber-se-á que a patroa sempre lhe tem um tom de picardia ou impaciência e segue durante o filme tendo diálogos curtos com sua empregada, quase que não merecedora de acessar a pessoa cuja casa está totalmente em suas mãos.

Preconceito linguístico mais visível é sofrido na verdade por Jéssica que, aparentemente por sua fala e proveniência, não tem as credenciais necessárias para ser aprovada em uma universidade pública (razão de sua mudança), segundo a opinião da patroa de Val, Bárbara, que frequentemente usa um ácido tom de ironia que chega por vezes a ser maldoso. Essa atitude talvez se explique porque

A concepção que se tem do país é a de que aqui se fala uma única língua, a língua portuguesa. Ser brasileiro e falar o português (do Brasil) são, nessa concepção, sinônimos. Trata-se de preconceito, de desconhecimento da realidade ou antes de um projeto político – intencional, portanto – de construir um país monolíngue? (OLIVEIRA, 2003, p. 83)

O que não fica claro no filme é se ela o faz por que de fato não acredita na possibilidade da aprovação por razão de seus próprios preconceitos ou por que de fato ela enxerga em Jéssica algum potencial e tenta abafá-lo. Percebe-se então que em relação a Val a postura é mais velada, pois em seu lugar ela não incomoda a ninguém, mas quando o objetivo é sair de um ponto e fazer transição para outro melhor, como é o fato com Jéssica, isso sim é incômodo. A sua sorte é que, para uma garota pobre e nordestina, esse não teria sido o primeiro obstáculo a ser transposto na vida, então ela tratou de se revestir de coragem e seguiu seu objetivo.

Sobre transposição de sotaque ou vocabulário sendo feita a partir da empregada para o filho dos patrões, pode-se perceber no filme que isso não acontece. É interessante deixar devidamente registrado aqui que, para efeito de informação, Fabinho e Val (filho do patrão e empregada) têm uma relação verdadeiramente íntima. Ela se tornara sua confidente e a pessoa a quem ele sempre recorreria em situações limite, em detrimento da mãe, a quem ele ama, mas se percebe uma cumplicidade e confiança maior dele com a empregada. Fosse a convivência o único gatilho para tal, esse, quase adulto agora, teria sido fatalmente impregnado pelo falar e pelo pensar de sua interlocutora diária. Tal medo de impregnação deveria ser abandonado se tão somente fosse observada a ideia de que

Para compreendermos a questão é preciso citar alguns dados: no Brasil de hoje são falados por volta de 200 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 170 línguas (chamadas de *autóctones*), e as comunidades de descendentes de imigrantes outras 30 línguas (chamadas de *alóctones*). Somos, portanto como a maioria dos países do mundo – em 94% dos países do mundo é falada mais de uma língua – um país de muitas línguas, plurilíngue (OLIVEIRA, 2003, p. 83, grifo do autor).

Já a personagem Jéssica, apesar de todas as suas mazelas, consegue provar que a educação é realmente a resposta para todas as perguntas e, em não tendo sucumbido à provocação e à falta de crédito que lhe foi dada, seguiu adiante, firme em seu objetivo de aprovação podendo contar tão somente com seu

conhecimento agregado e sua resiliência para se manter de pé em tempos difíceis. Nesse quesito, a obra cinematográfica pode apontar um caminho transgressor de paradigmas pré-concebidos, o que é, na verdade, algo libertador, uma vez que “um dos fatos mais trágicos, entretanto, é que encontramos na nossa história muito poucas vozes que se opuseram ao esmagador processo de homogeneização, mesmo entre os intelectuais brasileiros” (OLIVEIRA, 2003, p. 89).

De uma forma geral, falar sobre esse documento audiovisual é reforçar que o preconceito linguístico não se justifica e não serve de parâmetro para medir nenhuma pessoa em nenhuma consideração que seja. A diferença é morada de toda a possibilidade e assim deveria ser vista.

4 - TEORIA DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO E FILME “QUE HORAS ELA VOLTA?”

De forma crítica, pode-se dizer que o dito popular “a arte imita a vida” faz todo sentido no que se refere ao cinema. Sabe-se que o cinema cumpre vários papéis sociais, dentre eles: denúncia, alerta, conscientização e, em última instância, humanização. Tendo isso em mente, pode-se dizer que a questão do preconceito linguístico e o filme “Que horas ela volta?” têm uma conexão bem estabelecida, uma vez que os princípios do preconceito linguístico podem ser analisados e mapeados durante a obra que conta uma história contemporânea à escrita desta pesquisa, tendo o filme sido lançado em 2015.

É possível perceber um contraste real entre duas regiões brasileiras, a Nordeste e a Sudeste, ambas com marcas sociais muito peculiares e distintas, o que torna a percepção do preconceito linguístico quase que caricata. É importante lembrar que a região Nordeste é marcada por situações climáticas não favoráveis, tendo em muitos logradouros condições de semiárido. A caatinga se faz presente também e a situação da seca, que traz consigo vários prejuízos em todas as esferas, quase obriga o nordestino, especialmente do sertão, a procurar por uma qualidade de vida melhor. Essa resposta para muitos é a migração para a região Sudeste que promete no mínimo alguma condição de sobrevivência melhor que aquela enfrentada no Nordeste.³

³ Por não ser o objetivo deste artigo, devido a sua brevidade, discutir com mais minúcia dados quantitativos e qualitativos relacionados à migração, é oportuno sugerir a leitura do trabalho de Álvaro Frota, “O conceito de

O fato é que, com a chegada à região Sudeste, as condições não são na maioria das vezes tão favoráveis. A inospitalidade pode ser sentida em vários aspectos, sejam eles explícitos ou velados. Pode-se ver que, em alguns casos, se tais pessoas não são dotadas de um vocabulário mais rico ou mesmo se elas forem analfabetas, elas já sairão perdendo várias possibilidades como se pode perceber em Bagno: “muitas vezes, os falantes das variedades estigmatizadas deixam de usufruir diversos serviços a que têm direito simplesmente por não compreenderem a linguagem empregada pelos órgãos públicos brasileiros” (2015, p. 31).

Em um campo mais explícito, pode-se perceber marca do preconceito quando o nordestino com seu sotaque, seu vocabulário diatópico e seus saberes é chacoteado pelos moradores da região Sudeste que tratam aquela marca linguística como algo fora do padrão e, por isso mesmo, digno de desprezo e quiçá de uma tentativa de adaptação como forma de (re) ensinar aquela pessoa a falar e significar o mundo sob uma ótica completamente diferente.

É importante elucidar aqui, já a esse ponto da leitura, que a escolha por esse documento visual é meramente por ser ele bem representativo do cenário que é proposto, mas há de se manifestar que, durante o enredo, existem momentos de distanciamento da realidade. Não é possível afirmar que o Nordeste de hoje é o mesmo de outrora, então na verdade a personagem Val, que no filme aparenta ter mais de cinquenta anos, não é mais o exemplo perfeito de uma retirante ao final da segunda década de 2000. A filha de Val, Jéssica, já mostra uma nordestina que estuda, que tem condições de vencer na vida pelo trabalho e, por isso mesmo, não aceita os rótulos e está muito preparada para resistir de pé ao preconceito linguístico, sem precisar se amedrontar tanto quanto sua mãe que a todo o momento quase que se desculpa por existir.

A trama se passa também em um ambiente onde Val chega a acreditar sinceramente que sua presença naquela casa faz dela quase que um membro da família. Num primeiro momento, quando ela recebe a notícia de que a filha está vindo para São Paulo e sua patroa permite que ela a receba, é dada ali mais uma prova de que essa amizade existe e é real, deixando questionáveis as dicotomias veladas da relação entre patrões e empregados.

O fato é que a patroa de Val, Bárbara, munida de todo seu preconceito reforçado e de sua expectativa irreal do que um nordestino é, não esperava encontrar um “espécime” diferente da sua “nordestina de estimação”. Em termos práticos, de novo pensa-se no nordestino alegoricamente como um ser ingênuo, bobo, engraçado. Que critério seria o melhor para criar esse padrão mental e estereotipante que não a fala? Sim, é pela fala que se cria a expectativa do que um nordestino é e daí por diante vão se adicionando itens que o moldam e o classificam. Apesar dessa constatação ser triste, deve-se entender que:

Por mais que isso nos entristeça ou irrite, é preciso reconhecer que o preconceito linguístico está aí, firme e forte. Não podemos ter a ilusão de querer acabar com ele de uma hora para a outra, porque isso só será possível quando houver uma transformação radical do tipo de sociedade em que estamos inseridos, que é uma sociedade, que para existir, precisa de discriminação de tudo que é diferente, da exclusão da maioria em benefício de uma pequena minoria, da existência de mecanismos de controle, dominação e marginalização (BAGNO, 2015, p. 196).

Quando a patroa percebe que essa nordestina era um pouco diferente do que ela havia imaginado, a filha da empregada passa imediatamente a representar um risco e um perigo para o bem-estar da família e logo ela é convidada então a não mais estar ali em nome da paz da família e a boa ordem na casa.

É possível afirmar que a escolha do filme reforça o fato de que o preconceito linguístico ainda existe, mas que na mesma medida a sociedade está mudando e muitas Jéssicas existem hoje em dia e essa nova geração é tal qual a personagem do filme, está preparada para retrucar as piadas infames e posicionar-se de forma coerente de exigência de respeito para sua variação linguística que é, no fim das contas, tão brasileira quanto qualquer outra região desse país continental. Entender que o respeito à variação linguística é respeito à integridade das pessoas não é tarefa das mais difíceis e deveria ser reforçada pelos pais em casa e pelas escolas também.

Em linhas gerais, pode-se entender a escolha de se fazer o filme sob a ótica que é apresentada por esta pesquisa, reforça o preconceito linguístico por colocar o nordestino ainda nesse lugar de onde ele já deveria ter saído há muito tempo, ou melhor, na verdade ele nunca deveria ter entrado ali.

Para efeito deste trabalho, não poderia ser esse filme mais adequado por ser ele uma caracterização de duas gerações nordestinas, uma que se apaga e outra

que quer conquistar o seu espaço, além da dicotomia patrão x empregado, os ruídos dessa comunicação e, em última instância, o ato de se libertar por sair do lugar onde se é vítima, podendo então criar sua própria história.

Em todo momento que o sentimento de discriminação é latente, é necessário se posicionar sobre ele. Quando o preconceito é velado, seus prejuízos são menos impactantes. Ele nasce como reprodução de práticas sociais e demarcação dos espaços, mas de qualquer forma não pode ou pelo menos não deve partir para a discriminação pura e simples, porque essa sim ofende e diminui o outro. Configure-se, assim, o que Bagno (2015) chama de racismo linguístico:

O **preconceito** é um sentimento, uma crença pessoal com relação a alguém ou a alguma coisa, uma noção subjetiva, portanto. Sua contrapartida prática, objetiva é a **discriminação**. Não podemos combater o preconceito porque ele vive na mente de cada pessoa, mas podemos e devemos combater a discriminação, porque ela prejudica o convívio social democrático. Na longa história das difíceis relações entre os povos, a língua sempre foi, tem sido e é usada como instrumento para a veiculação explícita do preconceito, ou seja, como instrumento de discriminação contra grupos sociais ou povos inteiros. (BAGNO, 2015, p. 304, grifo do autor)

Para esta pesquisa, se ela possibilitar entender que o preconceito linguístico e discriminação são coisas totalmente diferentes e que esta segunda deve ser temida e erradicada, terá então ela cumprido sua missão.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Na dúvida, fique do lado dos pobres”. Essa citação de Dom Pedro Casaldáliga⁴ resume quase tudo que precisa ser entendido ao longo deste trabalho. É interessante perceber que o fato do preconceito por si só já ser uma exclusão. Nesse caso, especificamente uma exclusão praticada contra alguém pelo simples fato do ato de enunciação, enunciação essa que foi construída ao longo de uma vida pautada na repetição dos saberes a que teve acesso. Não seria essa atitude covarde e abundante em falta de empatia?

⁴ Bispo espanhol radicado no Brasil e que militou pela causa dos direitos humanos. Faleceu no dia 8 de agosto de 2020. Mais sobre ele em <https://www.cnb.org.br/244468-2/> e <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/08/08/morre-pedro-casaldaliga-a-pedra-no-sapato-do-autoritarismo-brasileiro.htm> , entre outras fontes. Acesso em 28 dez. 2020.

Pode-se perceber que, no momento em que uma empregada doméstica, na execução de suas tarefas, é vitimada com o preconceito linguístico, isso causa dor e sofrimento, em uma pequena dose ou em grande, mas sempre é uma agressão.

Ao longo desta pesquisa, com ajuda de todas as vozes que aqui estão elencadas, é perceptível que, em nenhum momento, o preconceito linguístico pode provocar algum efeito positivo, ele é negativo todo o tempo.

Se esse preconceito for analisado bem de perto, o desrespeito estará instaurado em uma casa onde essa empregada doméstica se tornará refém dessa família sem nunca ser capaz de se expressar espontaneamente. Essa realidade leva a um grave emudecimento dessas pessoas que preferem deixar de falar para não serem o foco de chacotas. Por conseguinte, a proposta desta investigação é mostrar que o preconceito em sua raiz é sempre da natureza humana pelo simples fato de rejeitar o diferente, mas em contrapartida é necessário lembrar que os seres humanos são dotados de capacidade cognitiva para entender quando causam sofrimento a outrem e, por isso, podem perfeitamente mudar o rumo dessa atitude ofensiva para o bem da coletividade e da pluralidade.

Por mais que o preconceito exista, a tarefa e o grito de alerta desta pesquisa é para que a opção seja feita por sempre respeitar o outro, seja em que instância for.

É perigoso exaltar grosseria, falta de afeto e empatia, especialmente se vitimar com isso pessoas de menor poder aquisitivo e menos possibilidade de expressão social, uma vez que, em fazendo isso, cria-se um círculo de maus sentimentos recíprocos que, na verdade, não produzem nada de bom, só mágoas e por isso podem tornar-se uma bomba relógio pronta para explodir.

O interesse desta pesquisa foi discutir o preconceito linguístico aplicando conceitos e reflexões oriundos de levantamento bibliográfico que privilegiou a sociolinguística ao filme “Que horas ela volta?”. Em última instância, objetivou-se evidenciar a continuidade de tal comportamento e, desnaturalizando-o, contribuir para que seja impedido ao menor sinal de aparição. O preconceito intrínseco pode ser taxado como ‘natural do ser humano’, mas a opção e o dever de buscar a aceitação e promover acolhimento do outro serão sempre prerrogativas desses mesmos seres humanos, dotados de capacidades diversas, mas que serão sempre anátema se não entenderem que precisam acima de tudo respeitar aos seus irmãos.

REFERÊNCIAS E CONSULTAS

ARRUDA, Paulo Rogério de; SILVA, Míriam Cristina Carlos da. Cultura popular e os impactos folk-midiáticos no cinema. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 32., 2009, Curitiba. *Anais [...]*. São Paulo: Intercom, 2009, p. 1–14.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico*. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CAXÊTA, Márcia Christina de Souza Oliveira. *Variação Diatópica de Aspecto Semântico-Lexical e Ensino de Língua Portuguesa*. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

LUQUETTI, Eliana Crispim França; MOURA, Sérgio Arruda de (Orgs.). *Linguística em perspectiva*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de (Org.). *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos: novas perspectivas em política linguística*. São Paulo: Mercado das Letras/ALB, 2003.

RIBEIRO, Claudia Regina Barroso. *Usos de si e (in)formalidade no trabalho da empregada doméstica diarista*. 2014. 251 p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *Gramática Latina*. 2. ed. São Gonçalo: Márcio Moitinha Editora, 2017.

SANTOS, Josilene Pereira dos. *O preconceito linguístico no âmbito escolar: análise de situações preconceituosas em duas escolas distintas na cidade de Sinop/MT*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras - Português e Inglês). Universidade do Estado de Mato Grosso, 2015.

SILVA, Fábio Lopes da; MOURA, Heronides Maurílio de Melo. *O direito à fala: a questão do preconceito linguístico*. 2. ed Florianópolis: Insular, 2002.

SILVA, Rosangela Villa da; ALONSO, Suelen Santin; ONOFRE, Diana Pilatti. A Rotacização na fala de empregadas domésticas em Dourados-MS. *Sociodialeto* (Online), v. 2, p. 2-2, 2010.

STERN, Julian. *O envolvimento dos pais no processo educacional*. São Paulo: Special Books Service, 2007.